

Direcção: António Dantas, filho
Redacção: António de Souza
Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesense
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

Ao illustre e brioso official do exército, sr. Tenente Valdez, encarregado da investigação sobre crimes de rebelião neste concelho.

Ex.º Sr.

Chegam até nós notícias sobre o nobilitante procedimento de V. Ex.ª, no desempenho da espinhosa missão que lhe foi confiada, que nos animam a dirigir-lhe algumas palavras que, saídas de individualidades apagadas e nomes humildes e sem a menor sombra de talento, são, todavia, ditadas por corações ciosos do progresso da sua terra e da sua Pátria e da paz e tranquilidade do povo.

Não sabemos nem pretendemos saber o que V. Ex.ª tenha apurado acerca do suposto *complot* realista em Guimarães, mas sabemos, e com fundamentadas razões, que muito embora elle não tenha de facto existido, o que nos parece mais provável, há aqui quem tenha interesse em fazer acreditar que existiu, chegando-se a apontar nomes, para assim poderem, mais à vontade, ser exercidas mesquinhas vinganças pessoais.

Nós não sabemos, Ex.º Sr., se já haveria alguém que, com sinceridade, boa-fé e desassombro, o informasse da questão latente que desde há tempos a esta parte existe nesta cidade, mas é necessário que V. Ex.ª conheça bem de perto a origem dessa questão e nós vamos dizer-lha com aquella imparcialidade inquebrantável que nos orgulhamos de fazer presidir aos nossos actos.

A questão em Guimarães, Ex.º Sr., hoje como sempre, desde a implantação da República, não é uma questão de regimen.

A questão de Guimarães, hoje como sempre, desde a implantação da República, é puramente uma questão de homens.

O povo de Guimarães, dizemo-lo bem alto, recebeu do melhor grado a República e, sem a mais insignificante repugnância ou desobediência, desde logo se submeteu às suas determinações.

Mas, Ex.º Sr., o povo de Guimarães é um povo de ordem, um povo de trabalho, um povo de honra, um povo de brio, um povo de dignidade e não podia submeter-se com a mesma facilidade com que se submeteu à República, a meia dúzia de individuos sem critério e sem senso comum que queriam à força impor-lhe a sua louca vontade, pretendendo fazer d'ele um juguete para a satisfação das suas insaciáveis ambições.

Não, Ex.º Sr., o povo de Guimarães, um povo de nobres tradições de abnegação, de gentileza e de heroicidade, não podia acatar com a mesma facilidade com que acatou as leis e determinações da República, as ordens dimanadas da *rua*, dessa mesma *rua* que constantemente o insultava e vexava.

E o povo de Guimarães, que não podia suportar a tirânica opressão que sobre elle queriam exercer uns cérebros dementados, deixou-os passar, na sua marcha desvastadora das simpatias pela República.

E protestou.

O povo de Guimarães teve a coragem de protestar contra os desmandos e alvares pretensões dos que sonharam em serem donos de tudo isto.

Eis a origem da questão.

Eis porque é forçosamente necessário que tivesse havido um *complot* realista em Guimarães, muito embora elle de facto não tenha existido.

O facto ocorrido no dia 28 de julho findo, no jardim público, onde um **grande amigo** da República puchou de uma pistola contra inofensivas senhoras, é um pálido reflexo dos actos de **idêntica heroicidade** que idênticos **grandes amigos** locais da República praticaram aqui durante meses sucessivos.

A questão em Guimarães, é necessário que todos o saibam, não é uma questão de regimen.

A questão em Guimarães é uma questão de homens.

Não somos só nós a dizê-lo; é o povo inteiro duma cidade.

E não é também só esse povo a dizê-lo; há uma testemunha insuspeita que aqui exerceu o cargo de administrador em um periodo agudo em que os ânimos se encontravam excitados após os acontecimentos de 13 de agosto do ano passado.

E' um republicano dedicado, um democrata austero, um carácter inflexível, um brioso militar.

E' o illustre alferes de cavalaria sr. Teodorico Ferreira dos Santos.

Temos em nosso poder uma carta do valente official, que guardamos como preciosa reliquia, em que diz que «na sua curta administração algumas vezes foi **atacado com pouca justiça**».

Sabe V. Ex.ª de quem elle se queixa, quem o atacou?

Foram os **grandes amigos** locais da República a quem elle, conhecendo as suas malévolas maquinações, depressa sopeou.

Não foi o povo!

Dêsse levou elle gratas recordações, como bem o prova a seguinte despedida publicada em dois jornais do tempo, desta cidade, facto crêmos que único nos últimos tempos:

«Teodorico Ferreira dos Santos, alferes de cavalaria, vem por esta forma apresentar as suas despedidas ao povo de Guimarães, não o tendo feito há mais tempo por motivos superiores à sua vontade.»

Não sabemos, Ex.º Sr., se de facto terá apurado alguma coisa de comprometedor para alguém em assuntos realistas.

O que nos parece poder afirmar com toda a segurança é que tais responsabilidades não existem, e se existirem são meramente pessoais e isoladas, não podendo, portanto, afectar um povo que tem por timbre a Ordem e por divisa o Trabalho.

O que existe já há muitos meses nesta laboriosa e patriótica cidade de Guimarães é um incompreendido mal estar, criado por insensatos que se dizem **amigos** da República.

O que existe é uma má vontade do povo que tem os seus deveres, mas também tem os seus direitos e regalias, contra esses que se dizem **amigos** da República e em nome dela o insultam e escarnecem e lhe cospem as maiores infâmias, desprestigiando assim um ideal de Paz e de Justiça.

As informações, que de V. Ex.ª até nós chegam, levam-nos a acreditar que não será capaz de confundir homens com regimen, *rua* com ideal.

Se assim não fôsse desde já lhe davamos um conselho.

E' que mandasse acondicionar todas as casas disponíveis para servirem de prisões, porque teria de prender todo o povo de Guimarães, com raras excepções.

POVO FANATIZADO

Os republicanos andam continuamente a lisonjear e louvar o povo, não para o favorecer e beneficiar, como era razão, mas para o atrair ao seu partido e o tomar como ponto de apoio. Mas, se, convenientemente esclarecido, não estiver com elles, não obtemperar aos seus caprichos, não se prestar ao seu jogo, então já o não louvam nem acariciam, mas tratam-no como um selvagem, como um estúpido desprezível.

Ainda não houve partido político algum que mais offendesse o povo do que o partido republicano. Todos os louvores que lhe dirige, todos os afagos que lhe faz, todas as simpatias que lhe expressa, obedecem ao cálculo interesseiro de o atrair para o seu lado e não ao desejo sincero de melhorar a sua sorte.

Em confirmação d'este meu aserto abundam os factos, e todos elles de facil interpretação. E para não citarmos outros, temos aí um que vale imenso.

E' ferocissima, e sem precedentes na nossa história, a guerra que os republicanos estão fazendo aos padres.

E porque?

Porque dizem que, se não fôsem os manejos, embustes e influências dos padres, já a esta hora todo o povo estaria com a república e a estimaria como a melhor forma de governo. Se o regimen vigente ainda tem opposição, deve-a às maquinações do clero.

E não reparam, os que assim argumentam, em que d'este modo irrogam ao povo o maior insulto de desprezo. Consideram-no como uma massa inerte, sem consciência, sem hombridade, que pode sofrer todas as manipulações que se lhe queira dar. Vai para onde o levam, como uma aze-mola, sem conhecer os seus direitos, nem o seu destino. Agora que tem os padres à vista, vai com elles e sente como elles; mas, se lhe tirarem os padres, será do primeiro que lhe estenda a mão para o conduzir. Os padres oprimem-no fanatizam-no, pervertem-no como senhores despóticos e não o deixam determinar-se à vontade.

¿Ora, se isto é assim, que significação podem ter as manifestações do povo?

¿Se o povo é um manequim, um autómato nas mãos de qualquer agitador, que vale o apoio que elle dê a um partido?

Que força se pode tirar desse apoio?

Os republicanos rejubilam com as manifestações populares que lhes são favoráveis; exaltam-nas até ás nuvens e acham-nas justas, embora elas desandem, algumas vezes, em scenas de verdadeira selvajaria. Mas quando o povo se manifesta a favor dos chamados reaccionários, então enfurecem-se, barafustam e insultam-no como um vendido ou escravo que não sabe o que faz.

¿Ora porque será que o povo, quando aplaude e segue o sr. Afonso Costa, merece louvores e consideração e não os merece quando está ao lado dos padres e os apoia?

¿Porque será que o povo de Lisboa, ocioso e por isso vicioso, merece que a sua vontade prevaleça, e o povo da provincia, trabalhador, pacifico e prudente, é tido como um escravo sem direitos? «O povo das aldeias anda fanatizado pelos padres» dizem; e é por isso que o consideram como uma quantidade desprezível.

Mas dêmos de barato que era assim, que o povo aldeão andava fanatizado pelo clero.

¿Apesar disso não tem êle cumprido, fielmente, os seus deveres civicos? Não paga contribuições como o povo cidadão? Não é êle que fornece ao exército os soldados mais vigorosos e mais resistentes?

¿Em que se avanta o povo dos comícios e das manifestações republicanas, sob o triplice ponto de trabalho, da ordem e do patriotismo ao chamado povo fanatizado das aldeias?

¿Dar vivas aos trunfos republicanos e insultar os adversários será uma benemerência patriótica?

¿Dizem que o povo das aldeias anda fanatizado pelos padres!

¿Onde se encontra povo mais pervertido, mais obcecado, mais fanatizado do que o que forma as fileiras republicanas? Nos comícios, nos jornais, nas associações, nas festas chamadas liberais, os cabecilhas da democracia teem empregado todos os meios de sugestão para fazer crer ao povo que a república é um paraíso de delicias e que, quem a não reconhecer, fica privado de todos os direitos. De tal modo teem insistido nestas ideias, tanto ódio tem insuflado contra os seus adversários, que agora o povo republicano, sob o impulso daquelas sugestões, numa cegueira louca, tem praticado os mais revoltantes excessos.

¿Povo fanatizado o povo da aldeia?

Não; fanatizado, sim, bem fanatizado é esse povo que, a um sinal dado, está pronto para tudo, segundo as indicações que lhe derem os seus condutores.

P. A.

O futuro de Guimarães

Tréguas à politica, que não se adapta à sua manifestação a atmosfera pesada que a todos cerca. Não há actualmente em Portugal sufficiente liberdade individual ou colectiva para a livre expansão duma opinião ou duma ideia. E neste marulhar tempestuoso de ódios, o melhor é fugir dêles para tratarmos alguma cousa de útil à terra que, sobretudo, amámos e pela qual todos os dias aqui procuramos lutar.

E' incontestável que Guimarães atravessa uma crise tremenda de actividade e de progresso. As limitadas transformações materiais, que num ponto ou outro se encontram, não compensam o que se perdeu em manifestações de vitalidade, quer na maior expansão da vida commercial, profundamente afectada nos últimos tempos, quer no isolamento a que os poderes centrais estão, sistematicamente, votando Guimarães. Estamos pior que há vinte anos a quando dessa corrente entusiástica de progresso, que fez da nossa terra uma cidade progressiva, e quem pretender sofismar a verdade dos factos, afirmando o contrário, demonstra apenas que acima do amor da sua terra põe sómente as suas ambições políticas.

E no entanto, nada mais fácil do que assentar num programa nítido para o levantamento progressivo da cidade. Partindo de dois factos essenciaes — a ausência absoluta de ódios políticos e a entrega da gerência aos que legitimamente representam as suas forças vivas, — duas outras causas é preciso afirmar, como base insubstituível do nosso progresso: o respeito pelo passado e o progresso industrial. Dêstes dois fundamentos derivam absolutamente todas as correntes de progressos materiais que todos ansiadamente desejamos para a nossa terra.

O respeito pelo passado não é um preceito político. Trata-se apenas do respeito pelas crenças e do amor pela beleza. Em França, em Espanha, na Alemanha, nessa terra democrática e sempre chamada a paralelo, a Suissa, os costumes, quer religiosos, quer artisticos, que fazem o fundo da tradição da raça, conservam-se amorosamente. Não se trata de defender esta ou aquella religião, esta ou aquella opinião artística; trata-se sómente de, a par de respeitar as crenças estabelecidas, chamar pelo pitoresco, pela arte, pelo espirito tradicionalista, correntes de *touristes*, que beneficiam o comércio e a industria local.

¿Poderá acaso algum espirito tarado imaginar que algum dia a Guimarães afluirão viajantes para passear nas suas avenidas, para frequentar os seus teatros, para gosar o *brou-ha-ha* duma multidão... que não existe? A Guimarães virão todos os que querem surpreender alguma cousa de original e tipico, que defina o aspecto provincial e se afaste o mais possível da samsaboria dos grandes centros.

Tem-se feito isto? Não, evidentemente.

Acabaram algumas das mais pitorescas, mais alegres, mais encantadoramente típicas festas da nossa terra, contribuindo êsse facto não só para prejudicar o comércio, como para tirar absolutamente ao meio o carácter. Fechou a Colegiada, alguma cousa que, até mesmo por parte dos irreligiosos, devia merecer todo o respeito, pela secular tradição que perpetuava, constituindo o velho monumento religioso, com as suas regalias históricas, uma página fulgurante da constituição da independência da pátria. As paredes enegrecidas do castelo e o monumento soberbo de Mumadona, com todo o seu carácter privilegiado dentro da vida religiosa, são inseparáveis. Ou pensarão, acaso, os iconoclastas de hoje que a sua Pátria se fez grande sem o entusiasmo religioso?

O que é preciso pois fazer? Digamo-lo à boa fé: é não só permitir as manifestações religiosas e tradicionais, na conformidade do *statu quo ante*, mas desenvolver-se tudo quanto possa, dentro desse campo, atraindo a Guimarães a concorrência de *touristes*. Não o façam, embora, por espirito religioso; façam-no apenas, por amor à sua terra. E se um exemplo lhes pôde mover a bilis democrática, sirva o de Orleans, na republicana França, onde as festas de Joana de Arc se exibem em todo o seu velho esplendor religioso, ao lado de reconstruções histórico-artísticas, que levam ali milhares de pessoas.

¿Porque, na verdade, em compensação do que

falta, o que é que teem dado, que utilize à vida commercial da cidade? Vê-se.

Resta ocupar-nos do segundo factor do progresso de Guimarães: o seu desenvolvimento industrial. Ficará, porém, para segundo artigo, tam complexo assunto, que exige um espaço que este artigo já não comporta. Será justo, no entanto, afirmar desde já, que muito se tem feito neste campo, mercê de iniciativas individuais, tanto mais valiosas quanto o desprezo dos mandantes, quer no passado, quer no presente, é o mais absoluto. Se assim não fôsse, mal se pôde calcular até onde iria essa iniciativa particular, ajudada dos poderes centrais.

Mas não menos justo é afirmar tambem que a uma grande parte dos elementos industriais da nossa terra falta absolutamente o espirito moderno, que os arranque da rotina mortifera, em que se vão afundando algumas das nossas mais antigas e mais ricas industrias.

Ficará o assunto, conforme a promessa, para subseqüente artigo.

X.

FESTAS

(sonhos de Diabo-negro)

Há muito tempo que eu agou-rava muito mal das «festas gualterianas», leitor amigo, mas nunca tive a coragem de to dizer porque recei sempre ferir os teus bríos de bom vimaranense e de devotado bairrista.

Vejo agora com enormíssima máguia, porque não sou pior vimaranense nem menos devotado bairrista do que tu, que não me enganei nos meus vaticínios pessimistas acerca das festas que não gosaste, pois apenas te deixaste arrastar numa corrente de vontade engatada a uma locomotris alimentada a gaz de contrasenso, alheado de tudo o que vias em volta de ti e com um só desejo fixo — o de fugir para bem longe do bulício e gosares no beatífico recolhimento de deserta e arborizada montanha algumas horas de venturosa paz, no inefável prazer do silêncio, entregue às tuas cogitações.

Sim, leitor querido; eu vi-te na rua arrastado pela multidão, quasi insensível, caminhando como um autómato, sem voltares a cara a admirar a beleza das ornamentações das ruas, sem contemplanças, contra o teu costume, a formosura e a graça das mulheres que passavam junto de ti, sem que, enfim, os teus lábios se desbrochassem num sorriso de íntima satisfação.

Eu vi-te, caro leitor, e reconheci logo que tu caminhavas contra vontade, que te deixavas levar pelos rogos de tuas filhas estremeçadas, que no ardor duma mocidade alegre e despreocupada, precisas de divertir-se, ou de tua adorada esposa que, cansada do quotidiano arranjo do teu lar, tem jús a algumas horas de distracção.

E tu caminhavas, leitor, mas tu não gosavas.

Tu eras um ente abstracto, um ser sem govêrno, uma vítima do dever de bom chefe de familia.

E porque não gosaste, leitor amável, agora que já tudo é passado, que as músicas e os pregões te não atordoam os ouvidos, que os forasteiros te não levam de roldão ruas em fora, que as iluminações te não ofuscam a vista, que podes enfim «ver» com olhos de «ver» porque já não lhe empanas o brilho com o teu consciencioso exame, nem concorres, com a tua sensata crítica, para que seja menor o entusiasmo, anda comigo, vamos ver as festas com toda a tranquilidade de espirito.

Principiemos pelos embandeiramentos e pelas ornamentações das ruas.

Erguem-se, como vês, mastros gigantes, esguios, tendo nos topos bandeiras de variegadas cores que nos agradam aos olhos do corpo,

mas sensibilizam e entristecem os olhos da alma, porque êsses divisam no alto de cada mastro uma fimbria de lutuosa escomilha que, descendo até nós, nos enlaça e nos sufoca.

Os festões casam-se em cores e zig-zags caprichosos que, à primeira vista, nos parecem de gosto artistico e belas combinações, mas vê que até as suas côres nos vem indicar, com uma precisão bem clara, o estado da alma dêste bom povo. Predomina aqui o amarelo, a côr que indica desespero pela perseguição acintosa que sôbre êle se vem movendo há tempos a esta parte, ali o lilaz, a côr dos largos cilios que maculam os formosos olhos das nossas damas gentis, e além o verde, côr da esperança de melhores dias de ventura e de paz que este povo pacato à tanto tempo almeja.

As músicas, ouve-as, não teem aquele som alegre e festivo dos outros anos. Há nelas um não sei quê de estranho, de tétrico, que nos infunde terror, que nos faz mergulhar na mais profunda tristeza em vez de nos causar alegria. O que dantes nos pareciam suaves melodias, parecem-nos agora convulsas lamentações; os instrumentos, que nos davam a impressão de despedirem sonoras gargalhadas, parecem soltar pios funé-reos, e até os bombos e os pratos, que nos seus fortes excitavam a vontade dos ouvintes, parecem hoje rugir imprecações saídas do Inferno.

Vamos à batalha de flores.

Os sorrisos, que vês desenhados em algumas caras, são outras tantas mascaras que encobrem generosamente paixões enormes que se vão amontoando naqueles desolados corações.

Fazem como tu, leitor querido; deixam-se arrastar na tal corrente de vontade para não serem desagradáveis aos forasteiros que vieram aqui para se divertirem e não para chorarem connosco.

¿Mas que se vê, se não a prova concludente do que te venho dizendo?

Nêsses carrós e nessas janelas há almas moças, corações juvenis que se embriagam em pensamentos de conquistas amorosas e é isso o que ali os arrasta.

O resto... tanto na rua como nas janelas só se vêem caras de psmo, almas torturadas, corações doloridos.

E as iluminações?

As luzes não teem o brilho do costume e dão mais a ilusão de fúnebres tocheiros de entêrro do que a luz viva que noutros tempos nos fascinava.

Os balões não teem aquela rutilância doutros tempos; há não sei quê que os ofusca, como que um nimbo que os torna sombrios e medonhos.

O rodopiar de gente pelas ruas é monotono, silencioso, apenas despertado aqui e além por um ou

outro grupo de forasteiros que se entregam ao prazer de folgar.

Quando nos chocamos com alguém estremecemos de pavor porque...

Ah! leitor querido!

Anda, cola aqui o ouvido a estas portas e observa o que lá dentro se passa a contrastar com o movimento exterior.

Gritos, choros, lamentações, corações oprimidos, almas dilaceradas, sonhos de noivado desfeitos, emprêças em cheque, castelos derruídos, casas perdidas, esposas sem maridos, filhos sem pais, estes chorando a perda dos filhos, fome, miséria, lágrimas, desespero...

Eis as «festas», leitor comovido, vistas por dentro e por fora com olhos de «ver».

Eis porque eu tam mal agoureira há já muito tempo das «gualterianas».

Temia este contraste, mas tinha medo de ferir os teus brios de bom vimaranense e devotado bairrista.

Hoje, que viste como eu — que não sou pior vimaranense nem menos devotado bairrista do que tu — as «festas da cidade» poderás avaliar quantas lágrimas e quantos soluços se casaram durante elas com o gargalhar da mocidade despreocupada e com a alegria do povo que ignora quanto sofremos.

Obrigado, leitor querido, pela agradável companhia que me proporcionaste e desculpa as rabugices deste desengraçado e importuno maçador.

Grotescos

Bôa noite.....

—Senti-me! e Vossa Excelência sabe que os anos passados era lá a efervescência de todos os namorados; só este ano, por perrice!.....

—Não senhor!... qual o motivo de não entrar ao jardim neste dia tam festivo, de saudades para mim, sabe-o a cidade inteira desde a Dama à regateira!

—Menos eu, minha Senhora, e sou mesmo da cidade!.....
—A sua alma é sonhadora não vive na realidade. Ainda ninguém lhe disse se é protesto se perrice!?

—Protesto!? Ora, mas então esta culpa a quem pertence? Assim dóe o coração à Dama Vimaranense?!... Acredite que nada sei, por isso lho perguntei!

—Nós... temos sido insultadas pela mais reles cambada... (duas lágrimas choradas para isto não valem nada.) Um desprestígio tamanho não nos vem nem dum estranho.

Ali, naquêlle jardim que hoje o Senhor vê deserto, jurei domingo p'ra mim nunca dêle estar mais perto nos dias da minha vida nem que seja bem comprida!

E comigo, creia bem! todas as que lá andavam ali juraram também enquanto que desfiavam, p'la música prediletas, duas lágrimas secretas.

—Tem razão!... Ouvi dizer mais ou menos sobre o assunto. Que ninguém chegue a saber para em breve ser defunto, mas este protesto altivo foi protesto de olho vivo!

—Ainda temos pudor p'ra nós e p'ra mais alguém... Fique sabendo o Senhor que somos gente de bem!

—Peço perdão, já o sabia, mas isso fica-lhes mal! Será pecado mortal não irem lá qualquer dia?!

4 de Agosto de 1912.

Tirteu.

As «Gualterianas»

Como de todos é já sabido, tiveram lugar nos dias 3, 4 e 5 as *festas da Cidade*, que o mau tempo prejudicou em extremo, principalmente no primeiro e último dias em que choveu a valer.

Ainda assim no **sábado** começou de executar-se o programa, como estava anunciado.

A feira de gado foi o primeiro numero, e devemos dizer também: o primeiro triunfo. Nunca tivemos em Guimarães, na festa da cidade, uma feira de gado tam concorrida, com tam belos exemplares animais e um aspecto tam pitoresco.

Mais uma vez se provou que, se o mau tempo nos não perseguia, as festas da nossa terra (seja qual for a comissão organizadora) serão boas; e isto só pelo nome que elas ganharam com o auxilio de todos os vimaranenses.

A comissão, que devia classificar as melhores juntas, chegou ao local da feira às 11 1/2 horas da manhã, distribuindo, depois de ter analisado grupo a grupo de animais, os respectivos prémios.

Depois do meio dia nada mais se pôde fazer porque a chuva caiu abundantemente, de forma que nem permitiu que se concluíssem as ornamentações e muito menos que se realizasse o festival d'este dia. Um desastre.

No **domingo**, ao romper da aurora, muitas cabeças espreitaram a atmosphera para ver se estava de melhor catadura. A borrasca havia desaparecido e deparou-se-nos um dia em nada parecido com o anterior, começando logo de animar-se a cidade.

As bandas contratadas para as «Gualterianas» — com excepção das bandas militares — percorreram as ruas de Guimarães, anunciando o mais belo dia de festa de quantos a nossa terra natal costuma ter.

Dos arredores e nos primeiros combóios chegou, logo de manhã, um grande numero de pessoas: lavradores com os seus merendeiros e as suas chuladas; brasileiros; familias burguezas de todas as sortes e, dentro das carriolas, cavalheiros de Fafe, Basto, Braga, Vizela e outras localidades.

Depois da chegada da banda de infantaria 8, de Braga, que se realizou às 10 horas da manhã, principiaram os clarins da corporação de bombeiros a dar sinal, pelas ruas, do exercicio que ia realizar-se, tendo este lugar, uma hora depois, no prédio do sr. Luís Bastos, ao Passeio da Independência.

Desnecessário será dizer que êle correu, como sempre, admirável de presteza e correccção, sendo merecedores dos maiores elogios os seus dignos 1.º e 2.º comandantes srs. Simão da Costa Guimarães e José Luis de Pina.

A êste numero seguiu-se a Batalha de Flores.

As cinco e meia da tarde rompeu o cortejo do logar do Proposto, o qual reunia um carro levantando uma enorme barca, comportando varios *marinheiros* empregados no comércio; um *landau* esplêndido com as srs. D. Roseira e D. Aida Vilça e sr. João Rodrigues Loureiro; um outro *landau*, encantadoramente decorado a azul e violeta, com os srs. Amadeu e Alvaro Carvalho; um *brequê* decorado com grandes palmas, girasóis e moitas enormes de dalias, com os srs. Alfredo Guimarães, Jerónimo Almeida e Alberto Martins Fernandes; um carro com flores e adornos vermelho, negro e violeta, com os srs. Gualter de Souza Lobo e Adriano Trepça; um outro *landau* decorado a azul claro; um carro da comissão, com os srs. António Lopes de Carvalho, José Salgado, José Ramos e Alberto Teixeira

Carneiro, e alguns outros carros (landaus, vitórias e automóveis).

Depois da volta do costume, e poucos minutos depois da chegada do cortejo à rua de Santo António, travou-se a luta, que foi renhida, tendo terminado depois das 7 horas.

Terminado este numero, que foi surpreendente, preparou-se tudo para o festival nocturno, que dentro em pouco ia começar.

As iluminações, especialmente no Toural, passeio público e rua da República, produziam belo efeito, não desmanchando o conjunto o Campo da Feira, que estava bem.

O festival no jardim, que foi um pouco prejudicado pelo ar frio da noite, teve concorrência regular, vendo-se ali a sociedade elegante, que muito apreciou não só o concerto das bandas unidas do 8 e do 20 de infantaria, mas as lindas decorações e ainda o grupo das festadas que obteve o 1.º prémio, e que apresentava um soberbo rancho de raparigas de Santa Eulália de Fermentões.

Durante o festival subiram ao ar vistosos aerostatos e a meia encosta da Penha queimou-se um lindo fogo no qual se distinguu o *bouquet* final de surpreendente efeito, da casa Silva & Filhos, de Viana de Castelo.

Finalmente, estamos no 3.º e último dia de festa.

Amanhece regular. Sons de música, foguetes, etc.

Trata-se da corrida de bicicletas.

Partem às primeiras horas do alvorecer os 10 corredores inscritos para a prova de resistência. São êles: Alvaro Guimarães, Teotónio Cardoso, Joaquim de Sousa Neves, António de Sousa Pinto Junior, Francisco Fernandes, Alberto de Sousa Pinto, António Lopes da Cunha, Domingos Barbosa de Oliveira, António Ribeiro Junior e Eduardo de Freitas Ribeiro.

Num automóvel, obsequiosamente cedido e guiado pelo sr. Alvaro Costa Guimarães, segue, com alguns membros da comissão ciclista o bombeiro farmacêutico sr. Henrique Gomes, fazendo as *etapes* da corrida.

Resultado:
1.º vencedor: António Ribeiro Junior. Gastou 2 h., 48 m., e 42 s.
2.º vencedor: Eduardo de Freitas Ribeiro. Gastou 2 h., e 57 m.
Ambos os vencedores montavam em máquina «Derby» de que é depositário nesta cidade o sr. Benjamin de Matos.

Ainda êste numero não estava terminado, chegam a esta cidade os alunos do Colégio dos Orfãos de S. Caetano, de Braga.

Uma girândola fende os ares e duas bandas executam o hino da Cidade.

Há cumprimentos, erguem-se vivas e organiza-se o cortejo até a Câmara.

O presidente, vereação e autoridade administrativa apresentam os seus cumprimentos ao illustre Provedor do Colégio sr. Bento de Oliveira e ao presidente da direcção do mesmo sr. dr. Faria.

A banda do Colégio executa depois da «Portuguesa» a Canção do soldado, sendo cantada pelos 110 alunos.

Às 2 horas da tarde visitam a Sociedade e às 7 voltam para Braga, sem que a chuva os deixasse realizar a anunciada festa desportiva.

Como do programa constava, fez-se a distribuição dos prémios aos que melhores exemplares apresentaram nas grandiosas feiras de gado bovino e cavalari.

A Comissão Técnica da Remonta do Exército adquiriu 8 solípedes, fazendo-se a escolha no pátio da casa do Proposto.

Todo o resto do programa do 3.º dia das «Gualterianas», ficou prejudicado, porque, a chuva, que caiu torrencialmente, o não

permitiu, com excepção do concerto pelas bandas regimentais de infantaria 8 e 20, que teve lugar no teatro D. Afonso Henriques.

Festa Desportiva — Marcha Milanesa — Festival no jardim

No domingo, 18 do corrente, efectuar-se hão êstes numeros das «Gualterianas», publicando-se oportunamente o programma circunstanciado para que de todos seja conhecido, e bem assim atraia à nossa terra concorrência que a inconstância do tempo afugentou.

Aos solícitos correspondentes roga a Comissão mais um serviço prestado à terra de Guimarães, fazendo o respectivo reclame, sobretudo da Marcha Milanesa, pois é evidente que pela sua originalidade muito interesse despertará.

Voos tímidos

M. A. C.

Ah! se eu pudesse roubar
Teu cativo coração,
Havia de o guardar
Num escriptorio de paixão.
Só dêsse lindo tesouro
Queria ser eu ladrão:
Pois ao seu valia igual
Ai não o tem nenhum ouro!
Nem o mais belo ideal
Da mais rica fantasia,
Nem duma aurora estival
Toda a santa poesia.
Do seu amor virginal
Oh! como eu queria fazer
Grandes colares de rubis,
Áureos sonhos juvenis,
Para com eles tecer,
Nesta paixão que tortura,
Num jardim do paraíso,
Meu Palácio de Ventura!
Há na luz dum teu sorriso
Tanto encanto e tanta graça,
Que dessa luz ao fulgor
Se aviva a minha desgraça...
Não podes ser meu Amor!?!...
Contra essa inútil paixão
Eu luto baldadamente,
Tentando apagar da mente,
A tua querida Visão.
Mas apesar da distância
Que nos mantem separados,
Prinzeza dos meus tormentos!
Estão sempre povoados,
Numa infinita constância,
Os céus dos meus pensamentos,
De teus olhares encantados,
Que eu sigo com louca ânsia!...

* *

Naquella tarde, meu Deus, ai que saudade!
Olhando o seu meigo riso de criança,
Compadece-me da minha mocidade,
Sem a promessa duma flor de esperança.

Em toda a sua pureza virginal,
Do balaço no parapeito debruçada,
Risonha como um passaro jovial,
Quando desponta a luz da madrugada,

Os seus olhos afagavam docemente
Alguém que a contemplava enamorado,
Enquanto eu, perto de si sentado,
Parecia radiante de contente.

Lágrimas no coração, só eu as via,
Num convulso choro de criança,
Que vê tombar a sua última esperança,
Quando ainda vai alta a luz do dia!...

R. P.

Agosto—1912.

Presos em liberdade

A corroborar o que no nosso primeiro artigo afirmamos recebemos, já quando o nosso jornal ía a entrar na máquina, a agradável noticia de terem sido postos em liberdade os srs. dr. António Amaral, José Machado, António Andrade e Joaquim Neves, que haviam sido presos por suspeição de estarem envolvidos num *complot* monárquico, noticia que com a maior satisfação transmitimos aos nossos leitores.

NO TUGÚRIO

Triste chorava, lânguida nas dores
Que lhe sossobra a espera do marido;
Pensava, louca, qu'inda era o querido
Que lhe falava outr'ora só em amores!

No leito três filhinhos como flores
Qu'inda conservam leite derretido
Redobravam-lhe os ais com um gemido
A aumentar-lhe chorosa os dissabores.

E de joelhos... a Lua dava na porta!...
Soara uma voz rouca, quasi morta,
Que lhe abalara fundo o coração.

O ébrio entrara de fraca catadura
E a santa p'los cabelos dependura,
Porque no lar faltava o negro pão!

R. E.

Curso de francês

Acaba de estabelecer-se nesta cidade um curso de francês, para ambos os sexos, dirigido pelo conhecido professor parisiense Mr. *Barthélémy Eugène*.

O mesmo professor dá lições particulares em casa dos alunos a preços convidativos.

Também há cursos para senhoras a horas completamente diferentes das dos outros cursos.

Para esclarecimentos, preços e horas de cursos, dirigir a esta redacção ou à Tip. Minerva Vimaranense.

Presente merecido

Os habitantes da freguesia de S. Torquato deste concelho, devem mandar um bom casal de perús a *Rabi*, epistológrafo da *Alvorada*, pelo diploma de brutos e idiotas que lhe passa no último numero do mesmo jornal. Deve ser muito fino aquele *Rabi!*

CARTEIRISTAS

Recebemos uma carta sem assinatura à qual, abrindo uma excepção, vamos dar publicidade, retirando, porém, a parte final, por ser um elogio muito rasgado à pessoa visada.

Diz assim:
«Em todas as terras civilizadas, quando se realizam festas, as autoridades requisitam do Pôrto um ou dois policías à paisana para recolherem à cadeia todos os gatunos conhecidos, afim de não exercer a sua *indústria* nos dias de festas; mas como Guimarães não é terra civilizada foi inundada de gatunos do Pôrto, e muito principalmente carteiristas, que praticaram grande quantidade de roubos sem serem incomodados por alguma autoridade.»

Não sabemos se quem nos escreve tem ou não razão, porque não nos demos ao cuidado de indagar se êste ano se fez como nos anteriores.

Se tiver, não se admire. Isto agora é dos *grandes amigos* da República e êsses só pretendem *talassas* e pucham de pistolas contra senhoras indefeizas.

Gatunos é artigo desconhecido para êles.

Lei da Separação

O *Mundo* do sr. Afonso Costa—sosseguem, que não é o *Mundo* orbe terráqueo, porque o separado, não é, por enquanto, *senhor* do mundo inteiro; —é o *Mundo* jornal. —O *Mundo*, diziamos nós, órgão do separado e da sua inseparável separação, atira-se aos católicos de Oliveira do Hospital pela seguinte forma:

«Por influencia de alguns padres, continuam os carolas de varios concelhos a queter sofismar ou infringir a lei da separação.

Em Oliveira do Hospital foi distribuída a seguinte circular :

Lagoa, ... de julho de 1912.—Ex.^o sr.—No louvável intuito de conservar intactas as suas crenças religiosas, agora ameaçadas pelo tufão da impiedade, os moradores desta freguesia da Lagoa resolveram, entre si, promover uma subscrição para a honesta sustentação do seu reverendo pároco, como prova de reconhecimento e gratidão, não só pelos bons serviços espirituais que da melhor boa vontade nos presta, mas ainda por não ter aceiteado a pensão, cuja razão se lhe não discute, quem—à maneira dos católicos de França, quando a lei da separação, posto que bem menos dura do que a nossa, colocou os párocos e feis numa situação como se vê bem embaraçada—ao menos pagar-lhe o mesmo que recebia «a título de congrua» 70\$000 réis. A reconhecida pobreza desta freguesia e reduzido número de fogos não lhe permitem atingir, como era o seu ardente desejo, aquela quantia apesar de insignificante! Por isso lembraram-se dirigirem-se também aos contribuintes de fora, solicitando-lhes o seu valioso concurso para o integral triunfo de tam louvável empreendimento. Em virtude do exposto, os abaixo assinados, comensurados desta freguesia, conhecedores dos sentimentos religiosos que tanto dignificam v. ex.^a, veem respeitosamente suplicar-lhe o alto favor de, ao menos, a continuação da «sua quota» com que, na qualidade de proprietário desta freguesia, já contribuía «para esta extinta congrua». E crendo que v. ex.^a anuirá a tam justo como piedoso fim, desde já, em nome de toda esta freguesia, nos confessamos perduravelmente reconhecidos.—De v. ex.^a ats. vens., Pedro António Dinis, Fernando Artiaga, António de Sousa Campos, João Nunes Garcia, António Afonso Pereira Saldanha.

P. S.—Se v. ex.^a julgar mais conveniente preencher o talão abaixo feito, poderá remetê-lo ao representante de v. ex.^a nesta freguesia, ou ao último signatário desta carta, para se incluir o nome de v. ex.^a nos «cenhamentos» que para este fim já cá temos impressos para a devida cobrança.

A agravar a manifesta desobediência, sucede que dois dos signatários da circular são empregados públicos: Fernando Artiaga é amanuense da administração e Afonso Saldanha é professor primário. Foi entregue ao sr. administrador do concelho um exemplar da circular. Confiamos em que a autoridade cumprirá rigorosamente o seu dever, que é promover o castigo de uma afronta à lei e em especial reclamar providências sobre os empregados públicos que tam mal compreendem os seus deveres.

Havemos de concordar que isto, como perseguição aos católicos, é pouco, mas como indicio de fraternal liberdade é muitíssimo.

Com que então, para empregados públicos, ou ser anticatólicos ou então—olho da rua!

¿Onde estará o desacato daqueles empregados públicos à lei?

Em quererem que o seu pároco, pelo que se vê um homem respeitável e respeitado, continue na freguesia sem trair a sua consciência de padre católico, nem se ver sujeito a morrer de fome?

¿E ainda alguns biloutras se zangam quando alguém diz que só em Portugal se não pode ser republicano!

TIP. MINERVA VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programa à Direcção

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Ano (sem estampilha) ... 1\$200 rs.
Semestre ... 600 "
Trimestre ... 400 "
Pelo correio acresce o porte.
Número avulso ... 30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição por linha ... 20 "
Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesense

GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

Ex.^o Sr.